

Uma história dos “Estudos Culturais”

Diogo da Silva Roiz¹

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

CEVASCO, M. E. *Dez lições sobre estudos culturais*. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2008 (1ª ed. 2003), 188p.

Os “Estudos Culturais” constituem hoje um campo de pesquisa fértil e promissor em muitos países. Não estando limitados apenas a uma renovação dos estudos literários, com as análises “pós-coloniais” e “pós-modernistas”, este campo de pesquisa têm se estendido cada vez mais para todas as áreas das Ciências Humanas e Sociais. Estudos que cobrem a história de sua formação já não são tão escassos, como o foram entre os anos 1960 (quando foram inaugurados) e 1990 (quando houve um reconhecimento internacional de seus procedimentos e contribuições), mas nem por isso se pode considerar que sua história já tenha sido completamente escrita.

O empreendimento realizado por Maria Elisa Cevasco, embora não cubra todos os momentos e lugares em que foram se organizando os Estudos Culturais, é revelador ao demonstrar, em *dez lições* (tal como aulas oferecidas para iniciantes, mas justamente por isso também devem interessar aos pesquisadores), a sua implantação na Inglaterra ao longo do século XX. A importância de seu trabalho está ainda em ser uma excelente apresentação da formação deste campo de estudo e de seus principais praticantes naquele país. Em sua exposição, a autora se apóia na trajetória de Raymond Williams (1921-1988), a qual já havia se debruçado num trabalho anterior: *Para ler Raymond Williams* (publicado em 2001, pela editora Paz e Terra). Ela parte da premissa de que este autor contribuiu diretamente para rever a ideia de “cultura” na Inglaterra, de modo a torná-la mais flexível para um melhor reconhecimento da contribuição das massas e de suas relações com as elites, dado que a cultura se estabeleceria justamente nessas interrelações.

Para demonstrar essa questão, a autora refaz, num pequeno recenseamento, os diferentes significados dos termos cultura e sociedade, para indicar:

O fato de, em especial ao longo do século XX, a palavra [civilização] ter adquirido uma conotação imperialista [...] contribuiu para a virada de sentido.

¹ Doutorando em História pela UFPR, bolsista do CNPq. Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campus de Amambá. Endereço para correspondências: Rua José Luiz Sampaio Ferraz, 1133, Vila Gisele, Amambá, MS, 79990-000

Ao longo da discussão, outro ponto em destaque, diz respeito à contribuição da *New Left*, “um movimento que a partir de final dos anos 1950 reuniu diversos intelectuais britânicos em torno de novas formas de pensar e fazer política” (p. 80). Ela toma como foco em sua análise, as diferentes maneiras de organização das esquerdas na Inglaterra, e os locais em que estas se reuniam para expressar seus diagnósticos e interpretações da cultura, da política e da sociedade. Entre os principais intelectuais desse grupo estavam: C. Hill, E. Hobsbawm, E. P. Thompson, Rodney Hilton, Rafael Samuel, Victor Kiernan e John Saville, que se encontravam regularmente entre 1946 e 1956. Após esse período, deixam o partido comunista inglês, em função das atrocidades e problemas do regime socialista soviético vir a se tornarem públicos, em particular, durante o regime de Stalin. Para ela, Raymond Williams não estaria, de início, próximo a este grupo. No entanto:

Na educação, membros da *New Left* como Raymond Williams, E.P. Thompson e Stuart Hall foram [...] instrutores de programas especiais de educação de trabalhadores. Esse tipo de profissão representava, na avaliação de Williams, uma forma de atividade social e cultural que lhes possibilitava reunir o que, em suas vidas pessoais, tinha sido apartado: o valor de um conhecimento mais avançado e o desapossamento contínuo desse benefício em sua classe de origem ou afiliação (p. 89).

O ponto negativo desse legado foi sua supervalorização do cultural em prol do político, o que valeu diversas críticas ao campo dos estudos culturais, na medida em que se apontava sua propensão a descartar uma análise pormenorizada das questões políticas (sejam as presentes em sua época, sejam aquelas de um passado mais distante). E: “Mais do que ação social, a discussão dos estudos culturais se tingia de uma fluência teórica que mascara, em sua sofisticação e em seu radicalismo verbais, a falta de envolvimento com movimentos sociais” (p. 156). Por isso mesmo:

O problema aparece quando esse desejo não é o de manter um compromisso político em tempos de institucionalização da disciplina ou o de cultivar uma imaginação política mais adequada à esquerda, porém o de se transformar em política, esquecendo a especificidade da cultura. A função social da política e da cultura são distintas. A cultura é a instância da construção de significados e da veiculação de valores, tudo isso impregnado de valores políticos,

mas a política é a instância da deliberação, do que deve ser feito para assegurar um determinado estado de coisas: se não o consegue por consenso o faz por coerção (p. 97).

De igual modo, os estudos culturais seriam mediados por dois modelos interpretativos: o culturalismo e o estruturalismo, aos quais Williams indicava a necessidade de dar maior atenção a relação entre a ação social e as estruturas, e não a sobreposição de uma sobre a outra, porque:

Em contraste com essa concepção, Williams se apropriou da noção, antes mais corrente em antropologia, de cultura como um modo de vida justamente para demonstrar que se trata de algo comum a toda sociedade, que inclui, além das grandes obras – modos de descoberta e de criação –, os significados e valores que organizam a vida comum (p. 110).

Para ela três momentos foram fundamentais para discernir as relações entre o marxismo e os estudos culturais: “os dois primeiros, os anos 1930 e os anos 1970, por terem representado momentos marcantes de encontro e desencontro entre o marxismo e a teoria da cultura; e os anos 1990, não por serem particularmente interessantes, mas por serem o que nos toca viver e refletir na prática dos estudos de cultura anglo-americana no Brasil de inícios do século XXI” (p. 119). Vale notar ainda que:

Tanto os estudos literários quanto os da cultura passam por tempos de entrincheiramento nas universidades. De práticas oposicionistas, que de um ponto de vista idealista – como na militância de Leavis – ou de um ponto de vista materialista – como no momento de formação dos estudos de cultura – se contrapunham à organização social e buscavam influir nos rumos da sociedade, passam a bem-sucedidas disciplinas acadêmicas. Como em outros momentos de institucionalização, o que se ganha em rigor técnico acaba se perdendo em envolvimento social. A crítica literária se refugia em um momento de *boom* de teorias em que uma moda teórica sucede a outra, muitas vezes em um arremedo de luta discursiva [que abandona seus nexos com a realidade e o social] (p. 144).

Ao destrinchar as principais características e os momentos decisivos de formação dos estudos culturais na Inglaterra no século XX, a autora tenta articular seus desenvolvimentos com a produção dos estudos literários brasileiros, de modo a inquirir quais os tipos de transferências culturais que se estabeleceram, e que tipo de leituras foram efetuadas. Nesse sentido, seu trabalho além de apresentar, de forma agradável e minuciosa, os temas e as abordagens que formaram os estudos culturais, ainda que o faça limitando-se ao caso da Inglaterra, também demonstra suas principais fragilidades, como o deslocamento das questões políticas e dos movimentos sociais, primando-se apenas as questões culturais, a partir dos anos iniciais da década de 1990.